

/ PALAVRA DO LEITOR

Teleférico em Guaíba

A escadaria de Guaíba, construída no fim dos anos 1960, está nos planos de revitalização da cidade, que prevê a construção de um teleférico com visão panorâmica (Jornal do Comércio, edição de 28/09/2026). Guaíba está revisando o plano diretor, que está defasado, e trabalhando em um modelo moderno e adequado à situação climática atual. A questão paisagística também foi tratada e em nenhum momento foi falada, ou sequer sugerida, a colocação deste teleférico. Acredito que uma cidade que está com muita dificuldade para pagar a folha do funcionalismo e com problemas crônicos de drenagem tem coisas mais urgentes para fazer. (Ariane Innocente Luz)



Teleférico em Guaíba II

Questiono qual o objetivo de instalar um teleférico na cidade. Para pegar os doentes, necessitados e pessoas sem mobilidade “lomba abaixo” se tiver um ataque do coração e levar para o hospital ou outro lugar? A população está precisando de atenção na saúde (unidades da UPA com redução no horário), educação (professor com salário baixo e fechando escola pelo ensino não ser satisfatório) e segurança (sem condições de atendimentos de muitos casos), mas vamos ter teleférico. (Maria do Carmo Loureiro)

Restaurante tradicional

O Caisinho, tradicional restaurante localizado na orla da cidade de Guaíba, não resistiu à enchente de 2024 e encerrou as atividades (JC, 28/09/2026). Seria bom tornar este lugar público (até porque não sei como conseguiram privatizar), colocar um pergolado e bancos públicos. E não esqueçam do esgoto sendo lançado no Guaíba na prainha do lado. (Nelson Vieira)

Restaurante tradicional II

O Caisinho era um ótimo espaço de conversa com amigos. Infelizmente, foi abandonado. (Mara Lucia Duarte Salazar)

Na coluna Palavra do Leitor, os textos devem ter, no máximo, 500 caracteres, podendo ser sintetizados. Os artigos, no máximo, 2300 caracteres, com espaço. É necessário indicar no título do e-mail se é “Artigo” ou “Palavra do Leitor”. Os artigos e cartas publicados com assinatura são de responsabilidade dos autores e não traduzem a opinião do jornal. A sua divulgação, dentro da possibilidade do espaço disponível, obedece ao propósito de estimular o debate de interesse da sociedade e o de refletir as diversas tendências.

Aos anunciantes e agências de publicidade

Alteração de horário de fechamento

Face ao feriado de Nossa Senhora Aparecida em 12 de outubro, a edição do dia 12 será conjunta com a do dia 09 de outubro, com o fechamento comercial às 17h do dia 08 de outubro.

A edição do dia 13 de outubro de 2026 circulará normalmente, com o fechamento comercial às 17h do dia 09 de outubro.

/ ARTIGOS

O crédito além das vias tradicionais

Marcio Aguilar

Os dados da indústria de fundos de investimento no primeiro semestre de 2026 chamam a atenção. Segundo a Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (Anbima), a captação líquida chegou a R\$ 184,7 bilhões, mais que o dobro do registrado no mesmo período de 2025. Foi também o segundo melhor resultado para o período nos últimos cinco anos. Mas a principal leitura está no que esse volume revela sobre o caminho do crédito no País.

À primeira vista, parece uma notícia restrita ao mercado financeiro. No entanto, ao observar quais estruturas ganharam força, o tema se aproxima de uma discussão concreta: como o capital chega às empresas e aos setores que sustentam a economia.

Esse movimento aparece nos fundos estruturados. No semestre, os Fundos de Investimento em Participações (FIPs) tiveram captação líquida de R\$ 32,1 bilhões, enquanto os Fundos de Investimento em Direitos Creditórios (FIDCs) registraram entrada de R\$ 30,6 bilhões. Instrumentos distintos que demonstram a ampliação da presença do mercado de capitais fora das vias tradicionais de financiamento.

Nos FIPs, a conexão ocorre pela participação em empresas e projetos, com foco no médio e longo prazo. Já os FIDCs se aproximam da operação das empresas, pois estão ligados a direitos creditórios, recebíveis e re-

lações comerciais originadas de vendas e serviços.

É nesse ponto que o dado ganha outra dimensão. A captação dos fundos não representa apenas movimentação de recursos entre aplicações. Sinaliza que há capital buscando estruturas capazes de financiar a economia por diferentes caminhos, seja pela participação em empresas, pelo crédito ou pela transformação de recebíveis em liquidez.

Para as empresas, esse movimento amplia alternativas. Para o mercado, indica maturidade. E, para o setor produtivo, reforça que o acesso a recursos depende cada vez mais da capacidade de direcionar capital disponível a operações ligadas à atividade produtiva.

O resultado do semestre, portanto, não deve ser lido apenas como um retrato positivo da indústria de fundos. Ele mostra que o financiamento às empresas vem se diversificando. Nesse processo, os fundos estruturados ganham relevância não pelo volume isolado, mas pela capacidade de aproximar investidores, empresas e desenvolvimento econômico.

Presidente do Sindicato das Sociedades de Fomento Comercial do Rio Grande do Sul

Os Fundos de Investimento em Participações tiveram captação líquida de R\$ 32,1 bilhões

Quando sustentabilidade vira estratégia

José Ernesto Marino Neto

Houve um tempo em que sustentabilidade era vista como um atributo complementar nos empreendimentos de alto padrão. Hoje, tornou-se parte da própria estratégia de negócios, especialmente no segmento de luxo.

O consumidor de alta renda continua buscando excelência, conforto e exclusividade, mas também quer saber como esses atributos são produzidos, quais impactos geram e que legado deixam para as comunidades e os territórios.

O luxo contemporâneo, portanto, também é uma expressão de responsabilidade.

Essa transformação já influencia a forma como hotéis, residências e destinos turísticos são concebidos. Eficiência energética, redução de emissões, uso racional dos recursos naturais e integração com a paisagem deixaram de ser iniciativas isoladas para orientar decisões de projeto e operação.

Mas a sustentabilidade não se resume ao meio ambiente. Ela também envolve prosperidade econômica e impacto social. Não existe desenvolvimento sustentável sem oportunidades, nem turismo de longo prazo

sem que as comunidades locais compartilhem dos benefícios gerados.

Na hotelaria de luxo, essa visão é ainda mais relevante. A riqueza de um destino está não apenas em sua paisagem, mas também nas pessoas que constroem sua identidade.

É essa visão que orienta o desenvolvimento do Kempinski Laje de Pedra. Cerca de 30% da energia consumida pelo complexo em Canela, na Serra gaúcha, será gerada por painéis solares, enquanto a frota dedicada ao transporte de hóspedes será integralmente elétrica.

A sustentabilidade também está presente na dimensão social e cultural. A manutenção da Orquestra Filarmônica Kempinski Laje de Pedra, criada para revelar jovens talentos, é um exemplo de como um empreendimento pode ampliar oportunidades e contribuir para o desenvolvimento da comunidade.

Somam-se a isso a geração de empregos qualificados, a valorização de fornecedores locais e a atração de novos investimentos e conhecimentos para a Serra Gaúcha.

Sustentabilidade, portanto, não é uma agenda paralela ao negócio. É a capacidade de criar valor hoje sem comprometer o futuro.

O verdadeiro luxo não está apenas em desfrutar de um lugar extraordinário, mas em contribuir para que ele permaneça extraordinário para as próximas gerações.

Diretor do Kempinski Laje de Pedra